

A política retornará

João Feres Junior e Fábio Kerche

As imagens televisionadas das manifestações da última semana têm algo de estranho para quem entende a política como a construção de consenso intermediada por partidos e representantes eleitos. Dezenas de milhares de pessoas nas ruas, várias segurando cartazes, outras tantas gritando palavras de ordem, alguns pequenos grupos organizados, mas muitas pessoas vagando sem muita direção. Cada passeata como um todo também parecia carecer de direção. Não havia comício no final, nem lideranças reafirmando os propósitos coletivos, articulando discursos e estratégias de luta, nada disso. Pessoas em movimento, que se aglutinaram, entoaram uma plethora de palavras de ordem de conteúdos diversos e algumas vezes vagos, e depois de algum tempo se dispersaram, em finais, muitas vezes, violentos.

Corte para a entrevista dos líderes do Movimento do Passe Livre no Programa Roda Viva, insistindo no ponto de que o objetivo do movimento é reverter o aumento de vinte centavos no preço da passagem. Claro que a estratégia minimalista adotada pelos dois líderes tinha como objetivo parcial manter coerência frente às perguntas dos representantes da mídia, que, por seu turno, inicialmente apoiaram a repressão e agora buscam com dificuldade uma explicação e um novo posicionamento.

Há um fosso imenso aqui, entre a extrema dispersão da rua e o foco estreito dos líderes. E esse vazio corresponde à ausência da política nessa equação. Todos, movimento, mídia e especialistas de plantão só olham para a sociedade, que ora em movimento se mostra em seu estado mais cru de diversidade cacofônica.

A política está ausente não somente porque os políticos estão atônitos, os partidos paralisados, mas porque ela tem sido sistematicamente desvalorizada pelos mesmos atores que ora miram a sociedade. Críticas destrutivas ao legislativo e ao executivo, em especial nos últimos anos, ode ao judiciário como poder salvífico, demonização de partidos políticos, de políticos e de movimento sociais mais orgânicos, tais como o MST e sindicatos, tudo isso produziu na classe média, aparentemente o grosso do movimento, um sentimento de alienação política de alto grau. Onde o jovem iria canalizar a energia da indignação e dos questionamentos senão fora da política, digamos, tradicional? Sentimento esse que repercute no resto da população. Por outro lado, falta aos políticos e a seus partidos virtude ou disposição para escapar à carapuça que se lhes meteram.

Mas que ninguém se engane. A política continuará presente. Um movimento tão disperso e desfocado tende a produzir poucas consequências concretas. O que produziram os indignados da Espanha ou os Occupy mundo afora? Aqui conseguiram a manutenção do preço da passagem. Mas o capital simbólico gerado pelas manifestações vai ser disputado a tapas pelas forças políticas posicionadas para o pleito de 2014. Dos potenciais contendores, o PSDB, que tem a simpatia de parcela da grande mídia, parece ser o pior posicionado para a disputa por esse capital, pois é o mais estranho ao movimento das ruas. O PT, que poderia utilizar a oportunidade para reativar bandeiras de esquerda, tem como limite a realidade da administração e da

democracia representativa. Já Marina Silva e sua Rede tem muito a ganhar com o movimento, pois já conseguiu encarnar a rejeição à política no passado, mesmo disputando eleições, negociando com outras forças e fundando partidos políticos.

Mas a política retornará. E tomara que retorne, pois, como dizia o filósofo, na sociedade sem política a vida é sofrida, bruta e curta.

João Feres Junior, 48, doutor em Ciência Política pela City University of New York, é professor do Instituto de Estudos Sociais e Políticos (UERJ). Fábio Kerche, 42, doutor em Ciência Política pela USP, é Pesquisador da Fundação Casa de Rui Barbosa.